



www.doi.org/10.21680/2763-6488.2019v1n1ID24782

Professor para quê?

Se você é professor e nunca ouviu algo do tipo “por que eu tô estudando isso?” ou “pra que eu vou usar isso na minha vida?”, você deve ser um professor muito bom que consegue fazer seus alunos verem sentido em tudo. Mas se você já ouviu, não se preocupe, eu em minha longa experiência de pouco mais de um ano em sala de aula te digo que isso é normal. É triste, chato, dá raiva as vezes, mas supernormal.

Esse semestre estagiei no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, o IFRN – Campus Natal Central. Foi lá onde cursei o ensino médio juntamente com o curso técnico de Controle Ambiental, por isso estar de volta, agora como estagiária, para mim era como dar retorno à instituição por tudo que ganhei e vivi naquela segunda casa. Acompanhei, com a orientação do professor Thiago Severo, a turma de Mecânica, que apesar de estar no terceiro ano do ensino médio, cursava o primeiro ano da disciplina de Biologia, uma turma majoritariamente masculina e que não fazia muito o tipo “amo biologia”.

Depois de um período de observações e planejamento começou a tão aguardada regência. Eu estava muito ansiosa porque o conteúdo de Biologia celular é bem abstrato e cheio de nomes e processos um tanto complicados, além disso, a professora estava trabalhando em uma linha bem detalhista e me pediu que continuasse dessa maneira. Meu primeiro obstáculo foi logo de cara tentar tornar o conteúdo interessante aos meninos. Fiz toda uma contextualização da célula como uma indústria, composta por várias máquinas e por um comando central de onde partiam todas as informações, o complicado é que até hoje não sei se eles pegaram isso. O segundo problema, e acho que o maior de todos, foi pegar todas aquelas informações e torná-las simples para que as aulas não fossem enfadonhas e todos, inclusive os que nem sabiam direito o que era uma célula (como eu quando cheguei ao IF), pudessem ver sentido naquilo. Na primeira aula comecei às 7:15h com uns 5 alunos em sala.



**Illany Rossellini
Bezerra da Silva**

Gosto de botânica e ensinar é minha paixão. Tenho um curso técnico em Controle Ambiental e (amém, irmãos) me formo em Ciências Biológicas – Licenciatura esse semestre. Não sei ao certo pra onde vou quando me formar, como será a vida e tal, só sei que quero estar em uma sala de aula com muitos alunos. Quero ter o prazer de abrir olhos e mentes até os últimos dias de minha vida. Quero ver o brilho no olhar por entender, quero gargalhar junto com eles e chorar também como já chorei, de dor, raiva, alegria, por empatia, ou o que for preciso botar pra fora. Ah, eu só quero ser professora.

Orientador de Estágio: Prof. Dr. Thiago Emmanuel Araújo Severo (UFRN)

Todo o planejamento da aula e praticamente de toda a unidade didática estavam indo por água a baixo, porque era naquele momento que eu imaginava que iríamos conversar pra saber em que pé eles estavam na biologia celular, o que gostavam ou não. O restante da turma foi chegando de pingo em pingo até às 8:30 (os males de não ter mais porteiro no bloco) e ver a cara de paisagem ou de “que danado é isso?” deles acabava comigo. A própria professora me chamou atenção quanto ao ocorrido, mas o que eu poderia fazer? Conversei com eles após o intervalo na esperança que realmente me ouvissem, no estágio 3 os alunos raramente ouviam, então 0 expectativas. Na aula seguinte eles estavam lá às 7:00h, mais de 10 pelo menos, e percebi que ali eu tinha voz de verdade e os traumas do estágio passado foram se afastando.

Mas cada estágio tem que deixar sua marca, não é mesmo? A depressão bateu quando em uma das aulas eu me peguei copiando informações e imagens do livro e colando no slide, considerando apenas aquilo a minha aula. O que estava acontecendo comigo? A minha função em sala de aula tinha se resumido à reproduzidora de conteúdos que eles poderiam facilmente ler no livro? Eu era apenas uma explicadora que juntava só o que era importante, sistematizava e jogava na cara deles? QUAL ERA A MINHA FUNÇÃO ALI? Onde estava a Illany problematizadora dos semestres anteriores? Eu preciso acordar e preciso acordar eles também.

Vamos fazer uma brincadeira. Foi com essa frase que demos início ao processo de duplicação do DNA. Os alunos eram os nucleotídeos, as proteínas, eles faziam tudo, eu dei as regras e o objetivo do jogo, mas o processo lógico da coisa eles teriam que desvendar sozinhos. Depois de uns 15 minutos eu ouvi um “c***lho, eu sei o que estamos fazendo! A gente tá duplicando o DNA, né prof?”, dei uma risada e continuei com minha cara de quem não sabia de nada, mas eu sabia, ah, agora eu sabia muito bem qual era minha função ali, qual a minha parte na mudança que tanto quero ver no mundo (Oi, Gandhi), que me fez entrar em sala mesmo com a mão quebrada, o que eu sinto que nasci pra fazer desde que sou gente.

Semestre passado, no estágio 3, eu tive alunos que se viam obrigados a ir pra escola e a estar em sala de aula, a escola funcionava sem o luxo de um laboratório de informática, com apenas dois projetores pra todos os professores. Esse semestre os alunos estavam em sala sem que ninguém nem vigiasse os portões do bloco de aula, ou muito menos andasse pelos inúmeros e maravilhosos espaços de convivência da escola que ocupa um quarteirão da região mais movimentada da cidade, os mandando assistir aula, mas o que os dois grupos tinham em comum era a grande montanha de informações em suas mãos, sem saber em que aquilo lhes poderia útil.

“Qual era a minha função ali?”



Tivemos uma roda de conversa agora no encerramento do estágio com um filósofo bem intrigante, o Dr. Jaime Biella. Passei o evento inteiro incomodada pensando “O que eu tenho que os robôs professores do futuro não vão poder substituir?” A resposta me veio logo, não imediatamente, mas veio. Durante meus devaneios ouvi o próprio Jaime falar que os robôs podem até simular um pensamento, mas eles não podem ensinar a pensar. Eu posso. Foi isso que eu descobri no dia da duplicação do DNA, é isso que todos os professores precisam descobrir e redescobrir todas as aulas. Nós estamos em sala de aula pra fazer com que os alunos pensem, peguem aquela montanha de conteúdo, olhem e saibam o que vão fazer com ela, saibam em que aquilo vai servir na vida deles; saibam utilizar o que aprenderam em sala de aula como libertação, um abrir de olhos para não se deixar manipular em uma era em que mentiras e pseudociências estão sendo tidas como verdades incontestáveis. Quem irá os ensinar isso?